



Os desafios da produção científica no neoliberalismo: as culturas e a comunicação subalternas

The challenge of scientific production in the neoliberal era: the subaltern culture and communication

Maria Nazareth Ferreira
Professora, Doutora de Comunicação da ECA/SP
E-mail: nazarethferreira@uol.com.br

Resumo

As pesquisas sobre cultura e comunicação populares devem apoiar-se, também, nos conceitos do cotidiano, de reprodução e de hegemonia com vistas a ultrapassar e reformular as teorias de recepção.

Palavras-chave: neoliberalismo, comunicação, hegemonia.

Introdução

Examinando o caminho percorrido pelos estudos sobre cultura e comunicação no Brasil, faz-se necessário entender que uma das etapas mais significativas para uma discussão sobre o tema refere-se à questão da teoria e do método. Essa discussão, por outro lado, desdobra-se em dois aspectos: o primeiro deles é a dificuldade que os estudiosos têm encontrado para definir uma teoria e uma metodologia específica para o assunto, principalmente quando se trata de analisar os dois temas em conjunto. Depois de meio século de estudos apontando para várias direções, depois de várias gerações formadas pelas escolas de Comunicação e de tantas teses e dissertações vindas a público, caminha-se na direção de duvidar da existência da comunicação como “campo”¹ específico; talvez, numa aproximação à proposta de Adriano Rodrigues Duarte², se possa afirmar que a comunicação é uma mediação,

que, por sua extensão e importância, abrange todas as atividades desenvolvidas pelo homem, sendo, portanto, objeto de estudo das Ciências Humanas ou, mais especificamente, das Ciências Sociais. O que dizer, então, da Cultura?

Se se concordar com a proposição assim colocada, abre-se espaço para debater o segundo aspecto antes mencionado: a tendência teórico-metodológica vinculada aos estudos funcionalistas que marcou a fundação das escolas de comunicação no país, expressa em seus diferentes currículos e, mais tarde, tanto na formação profissional como na produção científica dessa área do saber.

Assim, o que se pretende é examinar – para além da herança funcionalista que marcou e vem marcando os rumos dos estudos da cultura e da comunicação no país – as possibilidades de outros caminhos epistemológicos que agora se abrem, depois da implantação do modelo neoliberal que tanto afetou a produção científica, principalmente

¹ O desenvolvimento tecnológico da comunicação, a rediscussão do conceito de espaço (Santos, Einstein, Ortiz etc.) e aplicação do conceito de “campo de força” (elaborado por Maxwell, no qual a força é expressada por um vetor e representada por uma flecha) na pesquisa social, torna problemática atualmente a noção de conceito de campo elaborada por Bourdieu. A partir daí, defende-se a impossibilidade de definir o objeto de estudo “comunicação” como um campo específico. (n.A.)

² Adriano Rodrigues DUARTE. O campo dos media. Lisboa, Vega, sd.

na área de Humanidades.

Os efeitos da globalização na produção científica

A realidade do avanço da conjuntura neoliberal, cuja mais clara manifestação é o recente processo de globalização do planeta, afeta de maneira profunda todas as atividades humanas. Sendo assim, também as atividades científicas estão expostas à sua influência. Se se considerar que o avanço técnico-científico é a marca registrada desse processo, pode-se também considerar que a atividade científica é um dos setores mais influenciados por essa formidável transformação do planeta.

A sofisticação da tecnologia de ponta, atingindo todas as atividades humanas, é desenvolvida pelo emprego maciço da pesquisa científica. Por exemplo: calcula-se que, hoje, na produção de um chip, apenas 15% de seu custo refere-se à matéria-prima, à mão-de-obra industrial, à energia e ao maquinário; os 85% restantes são empregados em pesquisa, trabalhos de engenharia e design.

Este mundo integrado, globalizado pelo avanço tecno-científico, onde os espaços e as temporalidades estão superpostos e a produção de riquezas atingiu um ponto inimaginável algumas décadas atrás, não conseguiu, porém, resolver alguns dos problemas cruciais da humanidade, como saúde, educação, alimentação. Ao contrário, esses problemas estão sendo agravados e a ciência, tal como está sendo desenvolvida, não pretende solucioná-los.

Não houve, por parte dos incentivadores e mentores do atual sistema, uma avaliação correta das dimensões sociais dessa transformação radical pela qual estão passando as sociedades. Não é possível, nos dias atuais, imaginar as

conseqüências sociais da atual revolução tecno-científica, como atesta Adam Schaff³. Essa crise do neoliberalismo atinge profundamente a universidade, principalmente no que se refere à produção de conhecimento.

Por quê? Porque a universidade, o único lugar onde é possível produzir sistematicamente conhecimentos, está, de certa forma, comprometida com o projeto neoliberal; a pesquisa social não é a primeira preocupação acadêmica⁴.

Como afirma Milton Santos⁵, nesta conjuntura deveria crescer o papel da universidade na busca de conhecimento, no sentido de resolver aqueles pontos críticos da sociedade. No entanto, as diretrizes da universidade brasileira parecem orientar-se no sentido de acompanhar essa tendência do modelo neoliberal, privilegiando os cursos e as disciplinas mais próximos da técnica e do espírito mercantil. A universidade brasileira passa por um processo de racionalidade perversa, o qual tem garantido, mediante o prestígio, o melhor passaporte para os postos de comando. Neste quadro de sedução pelo poder, onde poderia radicar a sedução pelo saber? Os rumos da pesquisa científica direcionam-se a outros objetivos, aos quais não interessam a miséria e a doença de milhões de seres humanos.

Por outro lado, sob a influência da ideologia neoliberal, está surgindo um novo tipo de intelectual orgânico de classe, como o conceituou Gramsci em seu tempo. Esse intelectual é parte ativa da sociedade civil na luta pela hegemonia neoliberal. Só que, neste caso, sob a nova ordem econômica e a subordinação ideológica, esse intelectual orgânico está transformado em intelectual transgênico, “producido y legitimado, no desde la crítica, sino desde el poder”⁶. São tempos em que os intelectuais

³ Adam SHAFF. A sociedade informática: as conseqüências e a crise da revolução industrial. São Paulo, Brasiliense/UNESP, 1995.

⁴ André NUNES LEITES. Enseñanza y neoliberalismo. R. (org.), 21/02/2006.

⁵ Milton SANTOS. Técnica, espaço, tempo: globalização e meios técnico-científico informacional. São Paulo, Hucitec, 1994.

⁶ Marco RASCON. Intelectuales orgánicos y transgênicos. Rebelión, 24/05/06.



transgênicos são clones, na medida em que não têm personalidade nem idéias próprias. Com a engenharia genética são removidos todos os genes defeituosos e conflitivos, assim como os genes críticos e a consciência, transformando-os em seres pragmáticos; tal como as sementes transgênicas, também são híbridos, deixaram de produzir pensamento próprio e são instrumentos do pensamento único que garante que o poder político seja identificado com a esquerda, centro ou direita – não importa –, desde que esteja a serviço do mercado⁷

Que o mundo vem sofrendo um processo contínuo de desumanização desde os primeiros efeitos da Primeira Revolução Industrial, não resta dúvida. Por outro lado, nos tempos atuais, acompanhando a aceleração do avanço tecnocientífico, crescem quase que no mesmo ritmo as críticas a essa situação. Aliás, essa situação já fora denunciada por Karl Marx em brilhante descrição nos seus Manuscritos Filosóficos, em meados do séc. XIX⁸. Guardadas as diferenças temporais, o texto poderia ser aplicado perfeitamente à atualidade do neoliberalismo, no qual o homem está ultrapassando seus próprios limites no desenvolvimento tecnocientífico. Desde os pessimistas frankfurtianos⁹ até os mais lúcidos críticos atuais da pós-modernidade, como Jean Baudrillard¹⁰, Pierre Bourdieu¹¹, M. Maffesoli¹², Lucien Sfez¹³ e outros, estão todos de acordo quanto ao fato de que o mercado tornou-se o novo Deus, que tem na técnica seu principal sacerdote.

No entanto, tal como os frankfurtianos, os críticos do modelo têm se apresentado profundamente pessimistas, como se a sociedade estivesse caminhando para o próprio fim, ou o “fim da comunicação”, na visão de Sfez: o homem, desprovido

de sua humanidade, transformado no seu duplo criado por ele mesmo, estaria delegando à sacerdotisa Técnica a prerrogativa de comandar os destinos da Humanidade, através do Deus Mercado. Outros, como Francis Fukuyama, em apoio a esta nova realidade, acreditam que a História chegou ao seu clímax, não restando mais nada a ser transformado¹⁴.

Nesse quadro carregado de pessimismo, entretanto, é possível encontrar um ponto de apoio para recuperar o otimismo, imprescindível para repor a ciência e a técnica no seu lugar natural, qual seja, aquele de produzir conhecimento para transformar a sociedade. E por que não? Recuperar a utopia, com seu significado de não-lugar, mas todo lugar humanizado, um reino da fantasia, onde os olhos o adivinham tal qual aqueles que observam a realidade como ela é e se perguntam por quê; e aqueles outros que imaginam a realidade como jamais foi e se perguntam por que não poderia ser assim?¹⁵ Esse ponto estaria situado estrategicamente numa área que, ao longo da História recente, vem despertando a atenção de um número cada vez maior de pesquisadores, principalmente na América Latina, e que pode ser o novo alento para que a ciência possa cumprir sua vocação; trata-se do estudo das culturas subalternas, na sua mais legítima expressão, que são a cultura e a comunicação popular.

Entre os graves problemas teórico-metodológicos que afligem o âmbito da pesquisa científica, coloca-se a agora mais acentuada cisão entre os campos das humanidades. Qual seria o sentido dos estudos de cultura e de comunicação isolados da antropologia, da sociologia ou da história, principalmente nestes dias em que o

⁷ Idem, idem.

⁸ Karl MARX. *Manuscritos de 1844*. Paris, C. Sociales, 1968.

⁹ Bárbara FREITAG. *A TEORIA CRÍTICA ONTEM E HOJE*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

¹⁰ Jean BAUDRILLARD. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro, Elfos, 1995.

¹¹ Pierre BOURDIEU. *Razões práticas sobre a teoria da ação*. Campinas, Papirus, 1996.

¹² M. MAFFESOLI. *A comunicação pós-moderna como cultura*. Salvador, Textos de cultura e comunicação no. 18 UFBA, 1992.

¹³ Lucien SFEZ. *Crítica da comunicação*. São Paulo, Loyola, 1994.

¹⁴ Francis FUKUYAMA. *El fin de la historia y el último hombre*. Madrid, Planeta, 2002.

¹⁵ Eduardo GALEANO. *Don Quijote de las paradojas*. Rebelión. 07/02/06.

popular, o culto e o massivo amalgamam-se na cultura transnacional?

Muitos estudiosos, como o antropólogo Clifford Geertz,¹⁶ o semiólogo Umberto Eco e cientistas do porte de Pierre Bourdieu, só para citar nomes fora da América Latina, consideram a cultura como esfera de produção, circulação e consumo de significados. Quando se refere a significados, o pesquisador está penetrando no terreno da Cultura e da Comunicação. No âmbito da cotidianidade das classes subalternas, a cultura poderia ser o lugar privilegiado para a pesquisa em comunicação, visto ser *locus* da produção material-simbólica desse significativo segmento social.

A pesquisa em Culturas e Comunicação populares subalternas

A produção científica em cultura e comunicação popular subalternas é parte integrante e significativa das Teorias das Comunicações. Nesse sentido, a proposição teórico-metodológica para este objeto de estudo tem como principal objetivo contribuir para ampliar as citadas teorias, principalmente no que diz respeito ao Brasil, pois poucos são aqueles pesquisadores dedicados a esse importante segmento do estudo das culturas e das comunicações, o que torna esse tema um grande desafio para a produção de conhecimentos¹⁷.

Entretanto, para que essa atividade científica produza resultados condizentes com as necessidades teóricas dessa área, os estudos devem direcionar sua atenção para o campo cultural, especificamente para o campo das culturas populares subalternas, ou seja, estudar a formação desse importante segmento da sociedade brasileira e de sua produção material

e imaterial. Por exemplo, são poucos os estudos sobre as festas populares no Brasil¹⁸. No entanto, em países de grande tradição cultural, esses estudos estão bastante desenvolvidos; as festas populares são consideradas objeto de estudo científico¹⁹, o que traz grande contribuição aos estudos de comunicação, visto que uma festa pode ser considerada como um sistema de comunicação subalterna privilegiado, além de ser também um momento de afirmação de identidades culturais, de construção de cidadania, só para citar alguns aspectos significativos presentes no contexto de uma festa popular.

O que quer dizer culturas subalternas?

Para trabalhar esta questão, de início será necessário procurar um conceito que mais se aproxime da realidade que se quer observar. Essa realidade tem sido considerada e conceituada como “cultura popular”, termo que, no entanto, se apresenta ambíguo e limitado para dar conta da complexidade do universo compreendido nessa realidade.

Aqui, a necessidade se direciona no sentido de buscar no pensamento gramsciano a superação daquela limitação; o conceito de **culturas subalternas** é aquele que mais se aproxima da realidade a ser observada nesta proposta.

Gramsci²⁰ parte dos conceitos elitistas que definem cultura como saber enciclopédico, atividade especulativa reservada aos grandes talentos e circunscrita ao campo artístico e educativo. A partir daí, Gramsci constrói um conceito dinâmico e historicista, no qual a cultura é compreendida como um processo que se conserva e se renova permanentemente somente na prática social. Essa ótica amplia o sujeito produtor/receptor/consumidor de cultura a todo o universo social.

¹⁶ Clifford GEERTZ. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, LTC, 1989; Umberto ECO. Apocalípticos e integrados. São Paulo, Perspectiva, 1971; Pierre BOURDIEU Sobre a televisão. Oeiras, Ceita, 1996.

¹⁷ Poucos trabalhos coletivos, resultado de projetos de pesquisa desenvolvidos no CELACC, por exemplo: Maria Nazareth FERREIRA, org. Cultura subalterna e neo-liberalismo; a encruzilhada da América Latina. São Paulo, ECA/USP, 1997; Cultura, comunicação e movimentos sociais. São Paulo, ECA/USP, 1999; Identidade cultural e turismo emancipador. São Paulo, ECA/USP, 2005.

¹⁸ Maria Nazareth FERREIRA. As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana. São Paulo, Arte&Ciência, 2005, 2ª edição.

¹⁹ Vittorio LANTERNARI. Festa, carisma, apocalisse. Palermo, Sellerio, 1989.

²⁰ Antonio GRAMSCI. Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura. Roma, Reuniti, 1971; Cadernos do cárcere. Edição comentada por Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, 6v.

Por outro lado, aponta para a necessidade da superação de um estado de cultura existente para um dever ser cultural, tipificando os processos culturais como cenários de confrontação de classe, onde se constrói, se preserva ou se destrói o consenso. Esses cenários de confrontação são os lugares do povo, aqui definido a partir de categorias de classe, como o conjunto das classes subalternas e instrumentais que existem em todos os tipos de sociedade atuais. Essa definição de classes subalternas apresenta diferenças significativas com a de classes exploradas, na medida em que o subalterno está num campo semântico que transcende a determinação econômica pelo lugar que a classe ocupa na estrutura produtiva, atendendo, ao mesmo tempo, à dominação cultural, a qual se define pelo lugar que a mesma classe ocupa no âmbito da hegemonia.

Sempre que o sujeito social (o povo) se define por oposição às classes hegemônicas, a cultura se define pela mesma oposição àquilo que é oficial (pertencente à elite dominante), caracterizando-se como subalterna (própria das classes subalternas).

Nessa primeira premissa, popular e subalterno operam como sinônimos. O que seria popular subalterno para Gramsci?

O popular subalterno seria então aquela produção cultural que apresenta uma concepção particular do mundo e da vida, refletindo o caráter coletivo dos processos, manifestações e bens do próprio povo. Essa produção não é necessariamente gerada por grupos ou indivíduos pertencentes às classes subalternas do ponto de vista da produção econômica, desde que represente a visão do mundo e os interesses que são próprios a estas classes.

Resumidamente:

1º - O subalterno deve ser considerado como cenário poli-classista, que inclui, mas também transcende, o especificamente proletário;

2º - O popular é próprio das classes subalternas;

3º - O popular caracteriza-se como espaço no qual coexistem concepções do mundo herdadas do passado (tradições) e elemento modernizantes, do mundo em formação, como consequência das atuais condições de vida das classes subalternas;

4º - O popular caracteriza-se, ainda, como cenário contraditório no qual coabitam elementos culturais conservadores readaptados e ressignificados nas concepções de mundo das elites dominantes e elementos transformadores, derivados da *práxis* social das classes subalternas.

5º - O popular é, por definição, histórica e essencialmente oposto ao oficial ou, pelo menos, diferente dele.

Garantidos de que o conceito gramsciano das classes subalternas permite avançar nesta proposta, seria necessário considerar a pergunta:

Por que existem culturas subalternas?

Para um número expressivo de estudiosos latino-americanos, encabeçados por Néstor Garcia Canclini²¹, existem culturas populares porque a reprodução desigual gera:

- A apropriação desigual dos bens econômicos e culturais por parte das diferentes classes e grupos na produção e no consumo;
- Nos setores excluídos da participação plena nos produtos sociais, uma satisfação especí-

²¹ Nestor GARCIA CANCLINI & Rafael RONCAGLIULO. Cultura transnacional y culturas populares. Lima, IPAL, 1988.

fica de suas necessidades, a partir de suas condições de vida;

Uma interação conflitiva entre as classes subalternas e as hegemônicas pela apropriação dos bens sociais.

Continuando ainda com o pensamento de Garcia Canclini, o acesso a procedimentos simbólicos mais sofisticados é um imperativo da sociedade atual, para trabalhar e consumir. Essa situação aumentou a distância material e cultural entre as classes da mesma sociedade e entre países periféricos e centrais. A propriedade transnacional das novas tecnologias aumenta também a assimetria entre os poderes locais e nacionais e aqueles de caráter transnacional. Essa situação, que se manteve desde os primórdios da expansão capitalista, no neoliberalismo atinge seu auge.

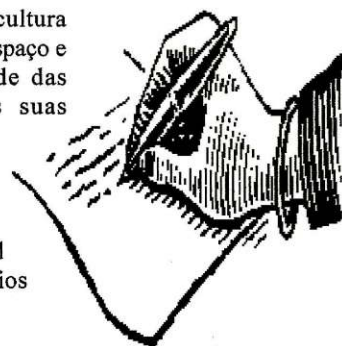
Sendo assim, essas condições, na atualidade, atuam fortemente na diferenciação. A diferença entre as classes e os grupos sociais não é apenas econômica, mas é também o resultado dessa participação diferenciada na reprodução material-simbólica da sociedade. É por isso que a explicação para a apropriação desigual dos bens econômicos e culturais não está apenas no campo da produção, mas na realidade do mundo atual, se expressa também em outras esferas do social.

Por outro lado, é imperioso localizar os cenários nos quais se expressa a cultura popular subalterna.

A cultura popular subalterna se expressa no dia-a-dia, na vida cotidiana.

Se se entender a cultura como o conjunto de processos simbólicos, mediante os quais se compreende, se reproduz e se transforma a estrutura social, como afirma Garcia Canclini²², fundamentando-se em Gramsci,

pode-se considerar que a cultura subalterna é construída no espaço e no tempo da cotidianidade das classes subalternas, nas suas condições de luta pela vida, mediante processos de adaptação e ressignificação dos quadros dados pelo sistema, tendo como principal instrumento os seus próprios meios de comunicação.



A crise do Estado, a cultura e o consumo

A esta altura dos elementos acima arrolados, será necessário colocar em discussão um dos aspectos mais significativos da sociedade globalizada: o consumo como lugar de conflitos.

A reorganização dos países para a expansão neoliberal, principalmente o enfraquecimento da área social no âmbito do Estado-nação, trouxe conseqüências danosas para a cultura, com mudanças drásticas na vida cotidiana, privatização e elitização das atividades educativas e científicas, suspensão do campo cultural, principalmente porque são estes alguns dos elementos que reestruturam a vida cotidiana. O neoliberalismo frustrou e transformou o sentido da ação do Estado; segundo Garcia Canclini, "...los Estados nacionales están limitados por la transferencia de sus poderes de decisión a instancias transnacionales y deslocalizadas"²³, com o agravante de que, na cultura, o mercado substituiu a dimensão cultural, fragilizando ainda mais a atuação do Estado no campo das políticas públicas culturais. Estas, por estarem submetidas à ação do mercado, assumiram cada vez mais um caráter elitista, desprezando toda manifestação que não seja museus, literatura, música, enfim, toda a arte considerada "cultura"²⁴.

Por outro lado, o esvaziamento

²² Idem, ibidem.

²³ Nestor GARCÍA CANCLINI. Mapas de la interculturalidad. La Jornada, 14 de enero de 2005.

²⁴ Idem, idem.



dos partidos políticos, dos sindicatos e de outras formas de organização popular reestruturou a identidade cotidiana, os sistemas de reconhecimento, o prestígio e a diferenciação simbólica entre as classes, que antes se situavam na vivência social, passando, assim, a situar-se na esfera do consumo. Ao reduzir os espaços políticos e monetarizar a economia, mudaram as formas de interpelação ideológica de constituição dos sujeitos sociais: de cidadãos e companheiros, passaram a ser consumidores ou investidores. É a vitória do indivíduo sobre a coletividade, a marca dos tempos neoliberais pós-modernos.

Essas condições são fundamentais no sentido de deslocar a atenção do pesquisador para uma área até pouco tempo inexpressiva no labor científico: o consumo²⁵. Entretanto, o tipo de consumo instituído pelo atual projeto (o neoliberalismo) traz para esse campo a tônica do sistema capitalista: a apropriação desigual. Entendido o consumo como o conjunto de processos sociais na apropriação dos produtos, pode-se considerá-lo como o lugar onde se desenvolvem os conflitos originados pela participação desigual na distribuição dos bens materiais e simbólicos e a satisfação das necessidades.

Sendo o consumo parte significativa da atividade das classes subalternas, é um dos espaços constitutivos da cultura dessas classes e onde se fundamentam as suas diferenças. O consumo participa da constituição das identidades culturais das classes, relegados que estão aqueles elementos anteriormente significativos na composição desse aspecto indispensável na construção da cidadania. Como é o lugar de reprodução da força de

trabalho, de diferenciação e distinção simbólica entre as classes, de objetivação dos desejos, bem como o lugar onde as classes lutam pela apropriação do produto social, o consumo é ainda o principal sistema de interpretação e de comunicação das classes subalternas. Portanto, no espaço do consumo se expressam os conflitos mais agudos entre as classes; poderá ser, por essa razão, o campo privilegiado para o estudo das culturas e dos sistemas de comunicação das classes subalternas, se considerarmos que estas só se manifestam no confronto direto com a cultura oficial.

Nesta abordagem, entretanto, há que se tomar alguns cuidados. O primeiro é situar a problemática da cultura de massas, também presente na realidade das classes subalternas, principalmente na esfera do consumo. O outro é evitar o culturalismo. Se, de um lado, é necessário aprofundar o estudo da cultura popular subalterna, de outro, é imprescindível a compreensão dos mecanismos que tornam possível a aceitação da cultura de massas pelas camadas subalternas. Tanto aqueles que defendem a preservação da cultura tradicional como os que procuram adaptá-la à modernidade quase sempre se esquecem de relacionar suas posições com as necessidades socioeconômicas dos setores populares e as condições globais do desenvolvimento social. Essa realidade recoloca a necessidade de se levar em conta as causas estruturais que modificam os vínculos entre o popular e o massivo. Nesse sentido, García Canclini²⁶ recomenda alguns princípios úteis a serem seguidos:

a) O “massivo” é uma característica das sociedades atuais, mas sua origem é anterior à presença dos MCM; tem,

²⁵ Nestor GARCÍA CANCLINI. *Culturas transnacionales...* Idem, idem.

²⁶ Idem, idem.

portanto, raízes no nascimento do proletariado industrial do Séc. XIX;

b) O “massivo” não é completamente estranho ou externo ao “popular”, não se define por traços internos ou em repertório de conteúdos tradicionais pré-massivos, mas por uma oposição em face do hegemônico. É ação concreta, às vezes inconsciente, que as culturas populares-subalternas executam em face da ação hegemônica. É, pois, neste contexto que será propício o estudo de formas de comunicação verdadeiramente populares, não aquelas experiências de comunicação calcadas nos modelos hegemônicos, mas aquelas que têm um caráter insurgente, justamente porque constroem forma e conteúdo fora dos modelos hegemônicos e, até mesmo, de oposição a estes.

Cotidianidade, cultura e comunicação

A cotidianidade desenvolve-se na vida objetiva, na concretude de qualquer sociedade. É o lugar onde as práticas concretas dos homens com a natureza, com os deuses e com os outros homens se traduzem em experiências sociais; é também *locus* de reprodução dos meios de subsistência material e simbólica, o lugar fundamental de constituição da cultura em sentido amplo: a cultura vista como a parte da natureza transformada pela ação humana.

A cotidianidade é ainda o cenário do devir histórico, no qual seus efeitos são incorporados à vida social.

Segundo José Paulo Neto e Maria do Carmo B. Falcão²⁷, a cotidianidade contém alguns aspectos fundamentais para a constituição cultural. São eles o cenário das experiências materiais, concretas e também de construção da subjetividade, das emoções, dos

comportamentos e das representações. Como concepção totalizante da vida cotidiana, como centro do sistema de comunicação e informação entre os indivíduos, a cotidianidade é o cenário privilegiado onde se podem encontrar as possibilidades transformadoras da sociedade.

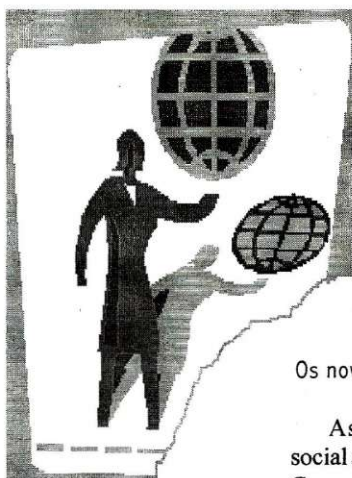
As deficiências anteriormente referidas colocam em destaque a esterilidade dos estudos das culturas e da comunicação subalternas, tendo por parâmetro apenas sua relação com os *media* dominantes ou mesmo as inúmeras tentativas de lideranças populares no sentido de criar sistemas de comunicação similares aos das elites. Entretanto, uma nova abordagem sobre a cultura e a comunicação subalternas, a partir do âmbito da cotidianidade, não pode prescindir dos estudos dos efeitos dos *media* nessa mesma cotidianidade.

Uma mensagem, qualquer que seja, se dirige ao *habitus*, àquilo que Pierre Bourdieu²⁸ considera como um “sistema de disposições duráveis e transferíveis” na interiorização das estruturas sociais nos sujeitos.

O *habitus*, mais que qualquer condicionamento dos *media*, organiza a coerência de cada indivíduo com o desenvolvimento global; através dele é que se programa o consumo, isto é, aquilo que o indivíduo vai sentir como “necessário” em diferentes situações. Entretanto, as práticas não são meras execuções do *habitus* produzidas pela socialização do indivíduo; nas práticas, as disposições do *habitus* se atualizam, tornam-se atos ao encontrarem condições propícias para a ação. Apesar do *habitus* tender a reproduzir as condições objetivas que o originaram, um novo contexto, a presença de possibilidades históricas diferentes permitem reorganizar as disposições adquiridas e produzir práticas transformadoras. Pode-se,

²⁷ José PAULO NETO e Maria do Carmo FALCÃO . cotidiano: conhecimento e crítica. São Paulo, Cortez, 1988.

²⁸ Pierre BOURDIEU, op.cit.



portanto, afirmar que as práticas são representações do *habitus* e a *práxis*, a transformação da conduta no sentido de atuar na mudança das estruturas. Neste sentido, o *habitus* pode variar segundo o projeto reprodutor ou transformador de cada classe, grupo ou sociedade.

Os novos conflitos²⁹

As modernas formas de luta social apontam para novos conflitos. Como se manifestam esses conflitos nos movimentos populares na atualidade?

Os conflitos de classes, na realidade do neoliberalismo, além de estarem presentes na produção, estendem-se a outras contradições sociais; são aqueles antagonismos antes invisíveis dentro do quadro geral da política, como antagonismos étnicos, sexuais, regionais, urbanos e rurais, que ocupam, agora, posições de destaque. Esses novos conflitos situam-se aparentemente fora, ou não apenas na produção, e são, principalmente, de dois tipos:

1 - Lutas contra formas de poder, repressão e discriminação, principalmente na vida cotidiana. Esses movimentos visam a democratização integral da sociedade (desigualdade no trabalho entre homens e mulheres, entre etnias e direitos humanos);

2 - Lutas pela apropriação de bens e serviços, no campo do consumo (movimentos sociais urbanos de defesa do consumidor, lutas por moradia, contra a inflação, pelo acesso à educação, por melhores

condições de saúde e transporte, etc.), democratização da cultura e da comunicação.

Segundo Manuel Castells³⁰, esses novos movimentos se caracterizam por sua quase nula incidência no processo produtivo e pelo baixo interesse que despertam nos partidos políticos tradicionais.

É provavelmente por essa razão que esses movimentos surgidos no consumo e na vida cotidiana são representados fora dos partidos políticos, dos sindicatos etc., mas geram uma relação não convencional entre cultura e política, entre valores e poder. São movimentos novos, indicadores das múltiplas capacidades de resistência popular, tanto à hegemonia com à repressão. O mais expressivo exemplo desses movimentos está na organização dos fóruns sociais mundiais, de repercussão planetária. Revelam também em que instâncias as mensagens e as ações impostas são selecionadas e reprocessadas: na família, no bairro, na igreja, nos bailes, nas festas, nos parques, nos jogos, enfim, na maioria dos processos coletivos próprios do povo, cuja principal característica é a oralidade. É nesse âmbito, no espaço grupal, coletivo, que será possível aquela transformação operada no *habitus*. As ações hegemônicas e contra-hegemônicas podem suscitar novos comportamentos no consumo cotidiano e na ação política, à medida que os sujeitos conseguem compatibilizar essas propostas com os hábitos de seus grupos de pertença: família, bairro, trabalho, cultura. Esses grupos são os organizadores coletivos primários: são os espaços para obter informações básicas para a subsistência, a constituição e a renovação das experiências históricas e pessoais e para os grandes

²⁹ Nestor GARCÍA CANCLINI. Op.cit.

³⁰ Manuel CASTELLS. Movimientos sociales urbanos. México, Siglo XXI, 1976.

temas sociais. É, pois, nesse espaço privilegiado que será fértil estudar esses riquíssimos processos culturais próprios das classes subalternas.

A comunicação popular: expressão das culturas subalternas

A partir das considerações acima referidas – e aceitando-se que são fundamentais para ampliar o quadro teórico-metodológico da Teoria da Comunicação e dos estudos sobre as culturas e a comunicação das classes subalternas –, pode-se concluir, resumindo o exposto, em algumas recomendações:

- Primeiro: partir da afirmação de que a pesquisa em comunicação popular deve ser prioritariamente realizada através dos processos culturais que se situam na cotidianidade das classes subalternas. Esses processos culturais propícios para a pesquisa destacam o consumo como um dos cenários relevantes para o estudo, porque é neles que se articulam os principais sistemas de interpretação e de comunicação das classes subalternas;

- Segundo: outra recomendação pertinente coloca o estudo do *habitus* como fundamental para a compreensão das possibilidades de uma ação transformadora;

- Terceiro: recomenda-se realizar uma avaliação correta da relação entre cultura subalterna e cultura transnacional, no sentido de compreender o verdadeiro significado da sedução que esta última exerce sobre a cultura subalterna.

Os novos campos da pesquisa

Uma proposta para o estudo das culturas e da comunicação subalternas só terá sentido se se puder observar este objeto de estudo a cultura popular subalterna – como possibilidade de transformação social: a cultura e a comunicação popular subalternas como projeto alternativo. Entretanto, este tema vem sendo subestimado, como demonstra o histórico de seus estudos. Os intelectuais que mais escreveram sobre o assunto, geralmente, realizam pouco ou nenhum trabalho empírico; a pesquisa social, na maioria dos casos, se restringe ao econômico e ao político. O estudo desta realidade, profundamente afetada pelo processo de globalização, tem muito a acrescentar à pesquisa social, principalmente porque este tema, esquecido e marginal, começa a disputar a preocupação dos pesquisadores. Do ponto de vista econômico, pode-se considerar que o crescimento dos processos voluntários de urbanização, a expansão do mercado econômico e cultural, a necessidade de incorporar os setores populacionais ao processo de globalização e, ainda, a complexidade dos conflitos de classes entre campo e cidade têm despertado a atenção para os setores populares. Do ponto de vista político, apresenta-se o grande desafio de entender as crises do Estado, das ideologias, da cultura e, até mesmo, a crise de hegemonia.

Estes elementos, por si sós, já são indicadores de uma metodologia³¹. Já que as culturas populares subalternas e seus sistemas de comunicação formam parte do processo de reprodução social, devem ser estudados a partir de dois níveis.

· Em primeiro lugar, uma Teoria

³¹ Idem, idem



da Reprodução, privilegiando os aspectos da vida cotidiana: a reprodução do capital, da força de trabalho, das relações de produção e do mercado e a reprodução cultural (o conjunto das relações educativas, comunicacionais e artísticas) como base do processo no qual se formam as culturas populares subalternas e seus sistemas de comunicação;

Em segundo lugar, uma Teoria da Recepção que ultrapasse, de um lado, os limites da estrutura de classes e dos aparelhos ideológicos e, de outro, os estudos condutivistas sobre os efeitos da comunicação massiva. Essas duas concepções sobre os estudos de recepção subestimam os processos psicossociais nos quais se formam as representações e as práticas dos sujeitos.

Finalmente, uma pesquisa sobre a cultura e a comunicação populares subalternas deverá ter, além do arcabouço teórico-metodológico próprio dos campos estudados (culturas e comunicação das classes subalternas), o apoio imprescindível da teoria da reprodução privilegiando a vida cotidiana e de uma teoria da recepção reformulada, na qual os equívocos do passado não prejudiquem o resultado final do trabalho.

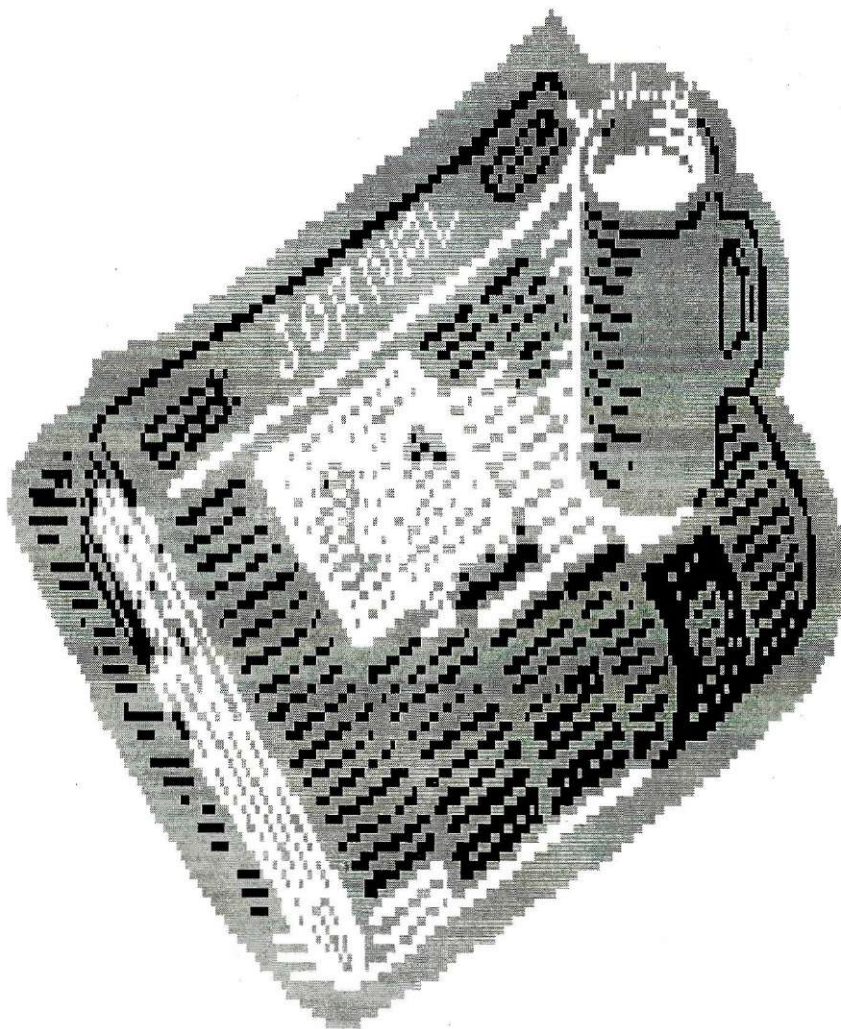
Abstract

Researches on communication and culture should consider the concepts of popular culture, reproduction and daily life in order to refine and expand the traditional reception "theories".

Keyword: neoliberalism, communication, hegemony.

Referências

- ALVAREZ, F. *Gramsci en América Latina Del silencio al olvido*. Caracas: Tropykos, 1991.
- BAUDRILLARD, J. *A Comunicação e os paradoxos da contemporaneidade*, in *Textos de Cultura e Comunicação*, 28. Salvador: UFBa, 1992.
- _____. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos ed., 1995.
- BOURDIEU, P. *Razões Práticas sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papyrus, 1996
- FERREIRA, M. N. e colaboradores. *Globalização e Identidade Cultural na América Latina. A Cultura Subalterna no Contexto do Neoliberalismo*. São Paulo: Cebela, 1995.
- FREITAG, B. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo, Brasiliense, 3ª edição, 1990.
- GARCÍA, C. N. *El consumo cultural en México. Pensar La Cultura*, México, s.c.p., 1993.
- _____. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- _____. *Mapas de la interculturalidad*. México: La Jornada, 14 de enero, 2005.
- GARCÍA, C. N & RONCAGLILOLO, R. *Cultura Transnacional y Culturas populares*. Lima: IPAL, 1988.
- HOBBSBAWM, E. *Era dos Extremos – o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, O. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- JEUDI, H. P. *Memórias do Social*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990.
- KOHN, C. *Gramsci memória y vigencia de una pasión política*. Venezuela, Mérida, s.c.p., 1992.
- MADRIZ, M. F. "La cultura popular em Gramsci". ANUARIO ININCO 9 (N2), Caracas, UCV, 1989.
- MAFESOLLI, M. A. *A comunicação pós-moderna como cultura*. *Textos de Cultura e Comunicação*, 28. Salvador: UFBa, 1992.
- NETO, J. P. e FALCÃO, M. C. *Cotidianidade: conhecimento e crítica*, São Paulo: Cortez, 1988.
- SADER, E. *Pós-neoliberalismo as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995
- SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.



Data do recebimento: 06/06 /2006

Data do aceite: 20/06/2006